



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

JUVENTUDES: COMO É SER JOVENS DE ASSENTAMENTOS RURAIS DA REFORMA AGRÁRIA?

DOMINGOS RODRIGUES DA TRINDADE

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO

As reflexões neste texto são resultados de uma pesquisa de doutorado desenvolvida sobre a constituição social de jovens de assentamentos rurais na microrregião Guanambi/BA. Neste texto discute-se o conceito juventude no contexto da sociedade contemporânea, entendendo-a como uma categoria não homogênea, mas fruto de uma diversidade de atributos sociais que fazem distinguir os/as jovens uns/umas dos/das outros/as. Entender a juventude na diversidade é considerar as trajetórias dos/das jovens e seus percursos de transição. Deixa-se aqui, ecoar, a voz dos sujeitos jovens da pesquisa, sobre como é ser jovem de assentamentos rurais de Reforma Agrária numa sociedade capitalista em processo de expansão do capital no campo brasileiro.

Palavras-chave: Juventude. Assentamentos rurais. Autorrepresentação.

ABSTRACT

The reflections in this text are the result of a doctoral research developed on the social formation of young people from rural settlements in the micro Guanambi/BA. In this paper we discuss the youth concept in the context of contemporary society, understanding it as a non-homogeneous category, but the result of a variety of social attributes that do distinguish the young ones from the other. Understanding youth in diversity is to consider the trajectories of girls and their transition paths. It leaves here, echoing the voice of the young research subjects, about how to be young rural settlements of agrarian reform in a capitalist society in capital expansion process in the Brazilian countryside.

Keywords: Youth. Rural settlements. Self-representation.

Introdução

A problemática juventude apresenta-nos uma diversidade de possibilidades de reflexão. No âmbito do debate contemporâneo da pesquisa acadêmica, uma das questões postas é: o que é a juventude? As experiências juvenis passam por uma crescente diferenciação e diversificação, o que requer uma representação singular, própria do contexto de interação social. Essa questão também se aplica para a juventude camponesa, que historicamente sofre com as imagens estigmatizadas sobre o mundo rural, visto como lugar de atraso, ignorância e de limitação (WILLIAMS, 2011), mas que cotidianamente se transforma e constrói sua identidade, na diversidade.

Desse modo, entende-se que, para dar um tratamento analítico à categoria juventude na atualidade, é necessário, inicialmente, reconhecer que as relações estabelecidas entre os indivíduos e que a realidade dos/das jovens, essencialmente em mutação, não podem ser entendidas numa dimensão unilateral. Assim, torna-se necessário conceber a juventude como um momento da trajetória de vida capaz de manter uma peculiar forma de vivê-la, como

sugerem Cardoso e Sampaio (1995). Foi nessa perspectiva que se olhou para os/as jovens dos assentamentos rurais da Reforma Agrária dos Assentamentos Marrecas e Nova Esperança (*lôcus* da pesquisa), situados nos municípios de Malhada e Palmas de Monte Alto, respectivamente, entendendo-os/as como sujeitos singulares, com marcas e adjetivos que lhes são atribuídos nos percursos de vida instituídos na base das contradições que movimentam os diversos processos que envolvem a vida dos/das jovens.

Dessa forma, parece conveniente partir do pressuposto metodológico de que a juventude não é homogênea, mas fruto de uma diversidade de atributos sociais que fazem distinguir os/as jovens uns/umas dos/das outros/as. Entender a juventude na diversidade é considerar as trajetórias dos/das jovens e seus percursos de transição. “Quando a juventude é considerada na sua diversidade, as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas” (PAIS, 1990, p.150).

Autores como Pais (1990, 2003), Melucci (1997), Sposito (1997), Carrano (2002) tratam os/as jovens como protagonistas de um tempo de possibilidades, o que vai de encontro à ideia de juventude homogênea com características comuns a uma idade. O que propõem esses autores é a construção da noção de juventude na perspectiva da diversidade, considerando as intensas transformações que a sociedade capitalista vem sofrendo, impondo um “campo de possibilidades em que os jovens se movem e no qual elaboram seus projetos e desenvolvem suas trajetórias sociais” (VELHO, 2006, p.194).

Na atualidade, os/as “jovens vivem uma condição social em que as setas do tempo linear se cruzam com o enroscamento do tempo cíclico” (PAIS, 2006, p. 9). Eles/as vivem momentos de intensas oscilações. Ora conseguem um emprego, ora se veem desempregados, abandonam os estudos para retomá-los tempos depois, saem das casas dos pais para morar sozinhos, e voltam depois. Nesse enroscamento de tempos, são inúmeros os contratempos que caracterizam a condição juvenil na contemporaneidade (PAIS, 2006). Os/as jovens vivem intensamente as contradições, as incertezas da idade e do seu tempo. As referências para a compreensão do seu tempo se dissolvem numa certa inconstância. Daí Pais referir-se aos jovens dos anos 1990 como a geração *ioiô*, na perspectiva de que as referências tradicionais de transição para a vida adulta: abandono da família de origem, casamento, obtenção de emprego, sejam algo reversível.

A geração *ioiô*, pela sua natureza, é uma geração em que o tempo flecha se cruza com o tempo cíclico de eterno retorno. Os jovens dessa geração tão rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e se casam – deixando de ser jovens e passando a ser adultos – quanto, com a mesma rapidez, caem de novo no desemprego, voltam à condição de estudante e se divorciam, redescobrimo a juventude (PAIS, 2006, p.73).

Nesse sentido, a condição juvenil contemporânea se dá em *tempos ziguezagueantes* (PAIS, 2006) e velozes, próprios de uma sociedade em constante mutação, na qual os tempos são efêmeros, as incertezas são certas. Sendo assim, as experiências dos/das jovens funcionam como laboratórios de inovações permeadas de incertezas que passam por uma multiplicidade de processos culturais, políticos, sociais e econômicos.

A condição juvenil corresponde ao modo como a sociedade constitui e atribui significados às juventudes em determinadas estruturas sociais, históricas e culturais, implica um modo de ser jovem determinado por estruturas sociais mais amplas (WEISHEIMER, 2009, p. 87).

Diante de estruturas sociais cada dia mais fluidas, os/as jovens na sociedade moderna sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, descontinuidade e reversibilidades, vivem verdadeiros vaivéns, sem destino certo, nesse processo tendem a tudo relativizar. Nesse debate, uma questão que se impõe é: Quem são os jovens hoje?

Questões metodológicas

[...] A pesquisa,
É a caminhada pelos bosques e pântanos
para tentar explicar,
Vendo folhas e flores,
Por que a vida apresenta tantos rastros.

(GÉRARD-B. Martin apud LAVILLE e DIONNE, 1999, p.278-279)

Parafraseando Gérard-B. Martin, “a pesquisa é a caminhada pelos bosques e pântanos.” Nesse sentido, para responder às questões e aos objetivos propostos, além de aprofundar os conceitos presentes no estudo de doutorado, intitulado, **Constituição social do ser jovem camponês no contexto de assentamentos da Reforma Agrária na microrregião Guanambi, Bahia**, defendido no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília, em março de 2015, recorri à pesquisa de campo, utilizando as seguintes técnicas e instrumentos de coletas de informações: questionário com questões abertas e fechadas, grupo focal, entrevista semiestruturada, observação, pesquisa documental e diário de campo. Valendo-me dos princípios da pesquisa qualitativa, utilizei-me da convivência e do diálogo com os/as interlocutores/as como estratégia de busca de informações e compreensão dos processos que fundamentam as suas representações e práticas.

Nessa perspectiva, traz-se aqui, como é ser jovens de assentamentos da Reforma Agrária a partir das informações levantadas por meio da realização de sete grupos focais com 26 jovens (moças e rapazes de 13 a 26 anos de idade) dos Assentamentos Marrecas e Nova Esperança. Das questões colocadas nos grupos focais, duas são destacadas deste trabalho: Como é a vida num assentamento rural? Como é ser jovem de assentamento rural?

Ser jovens de assentamentos rurais de Reforma Agrária: os/as jovens por eles/as mesmos/as

O debate teórico que permeia a categoria juventude é marcado por diferentes posicionamentos, os quais vão do entendimento da juventude numa perspectiva cronológica à compreensão da juventude como construção social (ARIÈS, 1975; PAIS, 1990; WEISHEIMER 2009). Assim, a compreensão de juventude transita sobre um marco etário até alcançar uma abordagem na perspectiva da construção social (FREITAS, 2010). Ou seja, ela passa a ser entendida como uma categoria heterogênea, constituída de múltiplas singularidades. Nesse sentido, temos várias juventudes (NOVAES, 1998), compostas de jovens das grandes e pequenas cidades, do campo e da cidade, pobres e ricos, enfim, existem várias formas de viver a condição juvenil. Foi nessa lógica que os/as jovens dos assentamentos rurais de Reforma Agrária foram vistos/as no presente estudo nas suas especificidades, sem, contudo, negar a universalidade e a ideia de transitoriedade e recorte etário, mas entendendo-as numa lógica de complementaridade.

Entender a juventude como categoria social, histórica, cultural e política imprime uma concepção dialética, o que dá significado importante para o estudo ora desenvolvido. Interpretar as trajetórias de vida dos/das jovens dos assentamentos investigados, na perspectiva de compreender a constituição social desses sujeitos inseridos num contexto permeado de contradição, é estar aberto a múltiplos olhares. O movimento dialético entre totalidade e particularidade foi subsidiário da compreensão da dinâmica constituinte das diversas formas de viver e ser jovem de assentamentos rurais de Reforma Agrária. As trajetórias de vida e as condições juvenis materiais e simbólicas têm sido um âmbito de debate e discussão entre pesquisadores da temática juventude como Abramo (1997); Abad (2002); Velho (2006); Weisheimer (2009); dentre outros.

No intuito de manter um diálogo com esses e outros autores que discutem as problemáticas da juventude, sobretudo da juventude camponesa, busquei dar voz aos/às jovens neste trabalho de maneira que eles/as pudessem descortinar sua realidade no seu conjunto de problemas, possibilidades, desafios e revelar o seu jeito de olhar o mundo. Assim, trago, na sequência, as autorrepresentações de como se vive e se é jovem de assentamentos rurais de Reforma Agrária num contexto marcado por contradições. Eis o que eles/as dizem sobre a vida juvenil, como ela é nesses espaços.

Ser jovem aqui é a mesma coisa de ser velho, não tem nada pra fazer, só ir à igreja, como eu não gosto de ir à igreja católica, fico dentro de casa ouvindo música (**JM6AM**).

As elaborações dos/das jovens a respeito de como eles/as vivem dentro dos assentamentos rurais se restringiram à prática do trabalhar, do estudar, do ir à igreja, de assistir à televisão, de ouvir música, às vezes fazer passeio e “não fazer nada”. Os/as jovens revelaram os seus sentimentos em relação à realidade vivida cotidianamente nos espaços onde vivem estabelecendo comparações, ora expressando suas angústias, ora afeto a esses espaços. Ser jovem nos assentamentos analisados é “a mesma coisa de ser velho” - afirma uma jovem no grupo focal. Essa expressão

estabelece uma comparação entre viver a juventude e a velhice, revelando um significado de que, nessa última etapa da vida, não se faz nada a não ser ir à igreja, enquanto a juventude é mais dinâmica, intensa, imprime uma ideia de movimento, de agitação, momento da vida em que se deve ter muitas coisas para se fazer na fluidez do tempo.

Outra jovem revela, durante a realização dos grupos focais, que

ser jovem dentro do assentamento é normal como em qualquer lugar, a gente estuda, trabalha, às vezes em casa e na roça, ajuda no plantio, na colheita, essas coisas assim da roça, é, não tem muita área de lazer, nem diversão, a gente sai às vezes, frequenta alguns lugares, não tem muito acesso a cursos, essas coisas, é assim a vida da gente **(JM11AN)**.

No entendimento dessa jovem, a vida cotidiana dos/das jovens no contexto das áreas de Reforma Agrária, no caso especial, o assentamento rural, expressa “ar” de normalidade como em qualquer outro lugar. As pessoas fazem as tarefas diárias num ritmo imposto pela realidade do lugar. Estudam, trabalham, se divertem, enfim, constroem suas relações no entrelaçamento das atividades que são desenvolvidas no cotidiano da vida como ela é. A vida dos/as jovens vai sendo graduada a partir do movimento, daquilo que lhe é ou não apresentado no complexo processo de construção social.

Na dinâmica entre “fazer e não fazer nada”, os/as jovens dos assentamentos Marrecas e Nova Esperança, *lócus* da pesquisa, vivem a juventude constituindo-se como seres sociais na dialética da realidade concreta, como foi descrita pelos/as jovens. Essa realidade se apresenta de múltiplas formas para os sujeitos jovens, entre o ter e o não ter o que fazer, conforme atestaram no momento da realização dos grupos focais. Vejam-se algumas falas que corroboram e ampliam o olhar sobre o ser jovem nos espaços em que o estudo se realiza:

Eu não faço nada, fico dentro de casa ouvindo música **(JM7AN)**.

Não tem nada pra fazer, só assistir televisão **(JM8AM)**.

Eu acho bom, eu acho bom, as casas são todas perto, dá pra toda hora ir na casa dos outros **(JM11AN)**.

É divertido, porque como aqui todo mundo é junto tem mais amizade **(JM14AN)**.

As falas expressam como os/as jovens vivem os tempos e os espaços que compõem seus cotidianos. Esses tempos e espaços, além do estudo e do trabalho (doméstico e/ou na roça), são preenchidos com o ouvir música, assistir à televisão, conectar-se ao *facebook*. O ser jovem também é marcado pela falta do que fazer no tempo livre. Isso significa, para um jovem interlocutor da pesquisa, que “viver cada dia dentro do assentamento é um tédio” **(JM20AN)**. Eles/as relataram, tanto nos grupos focais como em conversas informais que tivemos no decorrer da investigação, que acordar no final de semana e não saber o que vai fazer gera uma sensação de vazio que eles/as não sabem muito bem como explicar. Afirmam que gostam mais da semana porque vão para a escola, que lá eles/as se divertem. A escola é positivada como espaço onde se adquirem conhecimentos e onde ele/as se divertem.

Outra questão que os/as jovens trazem à tona em suas falas nos grupos focais diz respeito à liberdade de ser jovem nos espaços investigados. Ser jovem no assentamento é “ser livre, ter mais liberdade, menos pra sair, né, sair tem muita corda no pé”. As moças reclamam das regras impostas pelos pais, impossibilitando-as de frequentar festas em outros lugares. Os rapazes já saem mais, os pais não os proíbem tanto. Mas as mulheres sempre têm o que elas chamam de “corda no pé”. Ou seja, as regras não são as mesmas para as moças e os rapazes. Isso reafirma o caráter segregador da condição juvenil das mulheres, legitimado, historicamente, na sociedade, em relação aos homens. Assim, ser jovem mulher e ser jovem homem têm significados diferentes para os/as jovens da pesquisa, significados esses fundados em representações sociais, as quais conferem sentidos a partir de aspectos de gêneros.

Ainda na base da autorrepresentação, outra jovem afirma: “a gente só fica na televisão, viciada nas novelas, nem vejo o tempo passar, eu fico a tarde todinha na frente da televisão” **(JM16AN)**. É importante registrar que essa questão de ficar assistindo à televisão não foi mencionada pelos jovens homens da pesquisa. Estes, por sua vez, sempre se referiam ao tempo livre como o tempo em que não fazem “nada”, à falta de opção, de oportunidade para desfrutar o lazer. “Hoje

aqui, dentro do assentamento mesmo, a gente não tem muito do que dizer ser jovem, a gente não tem muita oportunidade, os jovens aqui é muito deixado de lado” (**JH3AM**). No entendimento dos/das jovens, eles/as não têm parcerias com o poder público ou outra instituição que pudesse apoiá-los/as na questão da criação de espaços e tempos de socialização, de vivências no âmbito da diversão, do lazer, da cultura.

Por outro lado, os próprios jovens reconhecem a falta de senso de coletividade por parte dos sujeitos jovens no contexto dos assentamentos. Essa foi uma questão demarcada tanto pelos/as jovens do assentamento Marrecas quanto do assentamento Nova Esperança que participaram dos grupos focais. “Os próprios jovens não se reúne, não fala vamos fazer isso aqui, a gente é capaz, fica muito longe um do outro, não dá o devido valor pra aquela coisa, não faz nada, vai passando o tempo, falta iniciativa” (**JH2AM**). A questão levantada pelos/as jovens impõe pensar na participação diretamente relacionada à constituição de um capital político que lhes permita crescer na articulação dos instrumentos democráticos dentro e para além do contexto onde estão inseridos/as, de modo que coloquem na arena do debate os problemas e os desafios da realidade.

Levando-se em consideração as autorrepresentações do ser jovem, o espaço rural é visto como lugar da amizade. Esta é figurada como um ponto positivo em ser jovem no contexto do assentamento, onde todo mundo conhece todo mundo, todos estão juntos. Nos momentos de realização dos grupos focais, os/as jovens expuseram que o fato de as casas serem construídas próximas umas das outras e sem muro é uma forma de estarem juntos. Acordar, sair no quintal, dar um bom-dia ao vizinho se traduz, na visão de alguns jovens, como algo importante para a convivência nesses espaços.

Numa direção oposta, há também aqueles/as jovens que têm restrições em relação a isso. Achrom que todos ficam muito expostos, sem privacidade, e que as pessoas, às vezes, dão palpites na vida do outro e, quando não se dão bem, acordar todos os dias e encontrar logo pela manhã uma pessoa de quem não se gosta é bastante complicado. Contudo, é importante reforçar que, de modo geral, os/as jovens dão ênfase a certos valores como a amizade e a solidariedade entre as famílias. Tal visão corrobora os achados do estudo de Pereira (2004) realizado com jovens rurais de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, sobre as representações da amizade, o qual aponta como um dos pontos positivos para os/as jovens não saírem do meio rural, pois todo mundo se conhece e as amizades são para sempre. Mesmo com todas as mudanças ocorridas no campo, sobretudo no concernente aos meios de comunicação, as relações sociais entre as pessoas do campo são mais intensas que na cidade, pois todos se ajudam dentro da comunidade.

Os estigmas por ser jovem de assentamento rural

Considerando a juventude como categoria socialmente construída (PAIS, 1990), a qual impõe uma compreensão de protagonismo juvenil e ideia de heterogeneidade dos modos de ser jovem, é importante ressaltar que, sob a ótica dos/das jovens pesquisados, ser jovem de assentamento rural é sofrer discriminação, não só pelo lugar onde vive, mas também pelo fato de carregar consigo a identidade sem terra, a qual para muitos é motivo de preconceitos. A categoria sem terra traz à tona uma identidade de classe no contexto da luta histórica das desigualdades sociais no âmbito da sociedade capitalista. Essa identidade se materializa em um modo de vida que cultiva valores que se contrapõem aos valores que sustentam a sociedade capitalista. Ser sem terra é uma afirmação da condição social, questão que fica explícita nos relatos seguintes dos/das jovens interlocutores/as da pesquisa:

Aqui dentro dessa região é normal, mas, quando eu fui estudar, eu senti um pouco de preconceito na escola, porque era uma turma só de assentados, tinha outros alunos, falavam: olha os sem terra, olha os assentados (**JM1AM**).

Aqui também em Julião, quando a gente vai pegar o ônibus, com lama nos pé (**JM2AM**).

Tem período assim que fica com falta de água, eles ficavam com preconceito, dizendo que a gente não tomava banho. Fica falando da voz (**JM3AM**).

Da voz é o pior, fala do povo do Canto do Riacho, o povo aqui fala a maioria tipo puxando, eles ficam falando aiii sou do Canto do Riacho! (**JM1AM**).

O desrespeito em relação aos/as jovens dos assentamentos rurais vai além do fato de terem sido sem terra. Ele atinge

outros aspectos, como a maneira de falar, as condições materiais e simbólicas de pertencerem a esses lugares. As revelações dos/das jovens sobre a realidade vivida por eles/as estão pautadas num pensamento histórico carregado de estigmas sobre o rural, que desqualifica esse espaço como lugar de vida e de produção em oposição a uma ideia equivocada de que o progresso e a civilização estão na cidade.

Na verdade, os estigmas vividos pelos/as jovens simbolizam a desvalorização cultural que se imprime ao campo como lugar do atraso, de quem mora mal. Dizendo de outro modo, significa que o meio rural sempre está em descompasso em relação à cidade em virtude da hierarquização reproduzida entre o rural e o urbano (CASTRO, 2009). Nesse sentido, compreendo que não é possível falar dos estigmas vividos pelos sujeitos do campo, aqui representados pelos/as jovens, sem lembrar as desigualdades sociais geradas pelas representações sociais sobre o campo, as quais se revelam nos dados das pesquisas.

Lacerda e Santos (2011) ressaltam que os dados de um pesquisa realizada pelo INCRA por meio do Programa de Assistência Técnica, Social e Ambiental-ATES/INCRA, chamada de Pesquisa de Qualidade na Reforma Agrária (PQRA), apontam que o Brasil tem uma população de 906.878 famílias assentadas, uma população média de 3,5 milhões de pessoas vivendo em áreas de Reforma Agrária, e que cerca da metade dessa população tem idades de 11 a 40 anos, com potencial intelectual e laboral. Por outro lado, apresentam-se altos índices de analfabetismo, média de 15,5% de não alfabetizados e baixos níveis de escolaridade jovem e adulta, sobretudo nos anos finais do ensino fundamental e médio, sendo esse último assegurado apenas a 6% da juventude, dos quais menos de 1% teve acesso ao ensino superior.

Os dados da realidade comprovam a desvalorização em que o campo foi e ainda é tratado pelos gestores públicos e pela sociedade de modo geral. A imagem estereotipada em relação ao campo e aos sujeitos do campo é reforçada no contexto do paradigma que defende o fim do modo de produção camponês e, conseqüentemente, do principal ator social desse modo de produção, ou seja, o camponês (CARNEIRO, 2012, p.25). Essa concepção é sustentada pela hegemonia do modelo produtivista, que coloca em xeque as especificidades do campo.

Entretanto, é pertinente reafirmar que, em contraposição a esse paradigma, há um movimento atuante que acredita na possibilidade de mudança, inclusive na potencialidade da educação para reverter o quadro negativo da educação do meio rural em que se encontra o povo do campo brasileiro. Isso não significa que os índices educacionais na cidade sejam tão favoráveis. O que vem sendo pautado em nível nacional pelos povos organizados do campo e da cidade, movimentos sociais, sindicais, ONGs, intelectuais que defendem a causa da minoria como forma de resistência ao modelo hegemônico de sociedade, baseada na ampliação do capital, é uma outra racionalidade que valorize a diversidade de condição camponesa existente no Brasil, na qual os/as jovens do campo são reconhecidos/as em suas singularidades e potencialidades, capazes de agenciar a favor de uma autonomia individual e coletiva.

Viver no assentamento é ter organização

No coletivo de interlocutores jovens, encontra-se uma parte que compreende que viver no assentamento é compartilhar responsabilidades, é assumir o princípio do trabalho coletivo, como expressa o jovem seguinte em seu relato extraído dos grupos focais:

Dentro do assentamento é organização, é viver a organização, a gente vê, se for limpar um praça, o pessoal se une pra cuidar do patrimônio público, a gente vê que as outras comunidades não têm essa organização que o assentamento tem aqui (JH3AM).

A ideia de trabalho coletivo passa, necessariamente, pela superação do trabalho na lógica do capitalismo, forma social que intensifica o lado individual das pessoas na forma de um individualismo destrutivo do meio social e natural. É importante ressaltar que a força da ação coletiva coloca em questionamento as práticas individuais de trabalho na sociedade capitalista. Nesse sentido, o jovem revela um diferencial em relação à organização social no contexto da realidade em que vive em relação a outras comunidades. Entretanto, é necessário ressaltar que a experiência relatada não é uma prática generalizada no que se refere ao desenvolvimento do trabalho nas unidades familiares, nas quais o trabalho, de forma geral, acontece na base do individualismo, exceto nas áreas comunitárias dos assentamentos pesquisados.

Entendo que a força da ação coletiva nega a ação individualista como solução dos problemas da organização social de uma determinada realidade, ao mesmo tempo em que se afirma como princípio necessário para a organização social

que resulta em relações sociais mais humanas e solidárias. A prática do trabalho coletivo impõe um estreitamento das relações sociais entre os indivíduos que trabalham. Nessa perspectiva, compreendo o trabalho coletivo como uma estratégia contra-hegemônica ao trabalho individual assalariado, notoriamente valorizado pelo capital, que prima pela sua reprodução social. Segundo Santos (1981), a reprodução ampliada do capital realiza-se por intermédio da expropriação do produtor direto e a consequente penetração de relações capitalistas de produção na agricultura.

É importante reafirmar que, baseado em outra racionalidade, o campesinato desenvolve a preservação do trabalho familiar camponês, que, por sua vez, imprime uma resistência à individualização do trabalho (SANTOS, 1981; CARVALHO, 2005). Segundo Carvalho (2010), o modo de produção camponês refuta as relações sociais de produção capitalista, conseqüentemente, busca “criar as condições objetivas e subjetivas para se constituir, pela sua expansão e novas formas de cooperação na produção, uma das mais importantes possibilidades de alocação de força de trabalho no campo” (CARVALHO, 2005, p.6). Nesse sentido, o trabalho coletivo se enquadra como mais uma potencialidade no modo de produção camponês, fortalecendo, assim, as relações sociais de trabalho no campo e, ao mesmo tempo, os laços de solidariedade entre as famílias camponesas.

“Ser jovem de assentamento rural é ter muita esperança”

A grandeza do ser humano se encontra em sua decisão em ser mais forte do que sua condição (**Albert Camus**)

De acordo com Freire (1996, p. 80-81), “a esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário [...]. É o condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não haveria história, mas puro determinismo.” Esse autor ainda ressalta que seria uma contradição o ser humano consciente do seu inacabamento se inscrever no movimento de busca sem a esperança. Nesse sentido, a luta social, entendida como uma busca constante de um futuro melhor para os povos oprimidos do campo ou da cidade, não prescinde da esperança. Entendo que, no movimento dialético da história, perpassado de contradições, acreditar na mudança é necessário para ir tecendo os fios contra-hegemônicos da história numa perspectiva mais humana.

O relato seguinte de uma jovem interlocutora da pesquisa revela elementos significativos da luta social, tais como: a esperança que move a luta, a repressão dos povos do campo, o preconceito (já referido anteriormente), a luta dos assentados para cuidar da terra conquistada, dentre outros.

Ser jovem dentro de um assentamento é ter muita esperança de crescer, porque a gente é muito reprimido, às vezes até preconceito tem, ser jovem é ter esperança e foco. Não importa o que fala. Na minha escola uma vez a professora tava passando um vídeo sobre assentados e meus colegas falaram: rebanho de burros, olha a roupa. Eu falei: vocês, pra falar de uma realidade, vocês tinham que viver ela. É claro que algumas ocupações são irregulares e tudo, mas, se a coisa é feita certinha, eu acho que não tem problema você ocupar um pedaço de terra que tá ali jogado, até porque, pra ocupar, o dono da terra ou fazendeiro tem que não ter pago os impostos dele. Então, se ele não pagou, já não é dele, vamos lutar por ela. A gente ganhou, mas a gente cuida. Pior se a gente ganhasse e deixasse jogada, tá todo mundo cuidando, seja lá como for, com a seca e tudo, com dificuldade, mas a gente tá aí na luta (**JM9AM**).

Na visão dessa interlocutora, ser jovem de assentamento da Reforma Agrária é ter esperança de crescer e ter foco, entendido aqui como ter objetivo na vida, ter perspectiva de futuro. A jovem representa o viver e o ser assentada como algo que lhe imprime uma consciência do processo histórico e contraditório da luta contra-hegemônica dos sujeitos do campo em contraposição ao modelo de sociedade vigente, que tem como sua espinha dorsal o capital. O seu relato nos traz a ideia da contra-hegemonia e resistência quando emite o seu ponto de vista a respeito das ocupações de terra, as quais são entendidas pelos sujeitos em luta como uma forma de pressionar o governo para a realização da Reforma Agrária (GARCIA, 2012).

Segundo Freire:

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na *compreensão* do futuro como *problema* e na

vocação o *ser mais* como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa *rebeldia* e não para a nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na *rebeldia* em face das injustiças que nos afirmamos (FREIRE, 1996, p.87). (Grifos do autor)

A exposição da jovem permite depreender que a condição juvenil dos sujeitos jovens, hoje, assentados da Reforma Agrária, sofre com os estigmas cristalizados no processo histórico de exclusão e opressão vivido pelos trabalhadores pobres do campo. Por outro lado, nos revela que, independentemente das dificuldades enfrentadas para permanecer na terra conquistada pela luta social, contra-hegemônica, os assentados estão ali, cuidando da terra, vivendo dela. Desse modo, a terra se traduz para essa jovem interlocutora como lugar de produção de vida, de trabalho e de relações sociais. Entendo, assim, que, nessa perspectiva, estar na terra, cuidando dela e dela extraindo o sustento da família, é uma forma de resistência ao latifúndio, símbolo de relações de exploração e opressão do trabalhador pobre do campo e da cidade. Ao resistir na terra o camponês se afirma e se preserva vivo na luta cotidiana pela permanência e sobrevivência no e do campo.

Considerações finais

Enfim, os/as jovens falam de si. Ser jovens de assentamentos rurais de Reforma Agrária é serem iguais a quaisquer outros/as jovens e, ao mesmo tempo, serem diferentes deles/as. Entretanto, as autorrepresentações dos/das interlocutores/as jovens indicam que ser jovem nesses espaços apresenta verossimilhanças ao ser velho, é não ter muitas opções quanto ao que fazer no contexto dos assentamentos; é carregar os estigmas submetidos ao lugar onde vivem e à identidade sem terra, conseqüentemente, à condição social e simbólica vivida pelos/as jovens. Contraditoriamente, é também poder vivenciar experiências sociais de trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, nutrir-se de um sentimento de esperança em relação à terra como lugar de produção e de vida.

Referências

ABAD, Miguel. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. **Última Década**, Viña del Mar, CIDPA, mar., 2002.

ABRAMO, Helena, Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação – Revista da Anped**, São Paulo: n. 5-6, p.25-36, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. S.A, 1975.

CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena Maria Sant`Ana. **Bibliografia sobre a juventude**. (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

CARNEIRO, Maria José. **Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica**. In: CARNEIRO, M. J. (Coord.). Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2012. (p.23-50).

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.

CARVALHO, Horácio Martins. **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Na sombra da imaginação (2)**: a recomposição no Brasil. Curitiba, maio de 2010. (mimeo).

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y juventud**, v.7, nº 1, enero/junio, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio. **Sob o signo da relação: a mídia e os sentidos culturais dos jovens residentes em assentamentos rurais do MST**, PB. Universidade Federal da Paraíba, 2010. (Tese de doutorado), p.206.

GARCIA, José Carlos. Legitimidade da luta pela terra. In: CALDART, et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. (p.458-463).

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

LACERDA, Celso de Lisboa; SANTOS, Clarice Aparecida dos. Introdução. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos; MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire dos Santos Azevedo (Orgs.). **Memória e história do PRONERA: contribuições do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária para a Educação do Campo no Brasil**. Brasília: 2011. (p.21-25).

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. nº 5/6. p. 5-14, São Paulo: ANPED, 1997. (Tradução de Angelina Teixeira Peralva).

NOVAES, Regina. **Juventude/juventudes?** Em comunicações ISER, (50), ano 17, Rio de Janeiro: ISER, 1998.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**. v. XXV (105-106), 1990-1º e 2º (p.139-165).

_____. **Culturas juvenis**. Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa, Portugal: 2003.

_____. Busca de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. (p.7-21).

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. Entre campi e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: v.12, nº2, 2004, (p.322-352).

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** N 5/6. São Paulo: ANPED, 1997. p.37-52.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. (p.192-200).

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Sociologia. (Tese), 2009. p.331.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Aprovado em: 02/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: